



Comunicar e popularizar a ciência desafio dos dias atuais

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

A Revista de Comunicação Científica, referente ao quadriênio janeiro-abril de 2019, está à disposição da comunidade Científica, trazendo ricas discussões, com destaque para as contribuições do professor José Marin – doutor em antropologia e pesquisador da Universidade de Genebra, na Suíça –, que nos brinda com alusões sobre importantes temas como eurocentrismo, racismo e interculturalidade no contexto da globalização. Em suas palavras, esse é apenas um texto introdutório. Então, para aprofundamento acerca dessas pulsantes discussões, sugerimos a leitura do texto intitulado *Interculturalidad y descolonización del saber: el caso de las relaciones entre el saber y el poder, en el contexto de la Globalización*, publicado no v. 23, n. 53/1 (2014) da Revista de Educação Pública, bem assim um terceiro texto que estamos a publicar na Revista de Geografia, Educação e Ambiente (julho/dezembro de 2019), em uma edição especial do Kalunga.

Não por acaso, Marin aborda a interculturalidade no contexto da globalização, em uma perspectiva eurocêntrica, afinal o nosso continente, sobretudo a América, não perdeu de vista a forte influência colonial, patriarcal, com forte viés capitalista ou quase domínio absoluto do capitalismo (sabemos muito bem o que quer dizer a expressão **pobres de direita** ou **vai para Cuba**); a perspectiva intercultural explica também como isso acontece. Acredita-se que a educação e a política podem contribuir com a superação destes dilemas, bem como a superação das diferenças que causam a discriminação, a hierarquia em nossa sociedade e a cultura da meritocracia a privilegiarem apenas uma elite que usurpa de recursos públicos.

Na esteira do pensamento intercultural, discutido pelo professor José Marin, a professora Waldineia Alcântara Ferreira, que vem atuando com voz forte no Estado de Mato Grosso em prol de uma Educação Decolonial, juntamente com sua orientanda, bolsista e integrante do grupo de pesquisa Leal, apresentam relevante debate sobre a educação inclusiva na escola estadual de educação básica Juporijup. Nesse artigo, as autoras defendem que as “comunidades indígenas, como qualquer outra, têm os mesmos direitos de acesso à educação escolarizada, de forma a atender as suas peculiaridades étnicas e culturais”, valorizando o conhecimento local, sobretudo a língua materna. O artigo é de extrema relevância, pois nos **RCC, Juara/MT/Brasil, v. 4, n. 1, p. 3-6, jan./mar. 2019, ISSN: 2525-670X**



ensina os processos de construção de uma escola democrática, participativa e de fato voltada aos interesses da comunidade escolar e da comunidade indígena.

Em seguida, a doutoranda Yandra de Oliveira Firmo e sua orientadora, professora Doutora Maria da Anunciação Pinheiro Barros Neta, nos presenteiam com o irrepreensível trabalho que privilegia **a escola como palco para utopias**. As autoras procuram compreender como o sociodrama pode contribuir para uma educação democrática em escolas públicas, de modo a colaborar com os processos dialógicos e participativos. Elas apontam que esse processo dialógico e democrático, contribui para a formação da consciência crítica, bem como para a construção do conhecimento, em que o professor é o mediador e os estudantes da educação básica também se constituem como protagonistas do processo. Este apresenta como pressuposto teórico-metodológico a concepção de educação como prática de liberdade de Paulo Freire, autor que permeia quase a totalidade dos artigos apresentados neste número da Revista de Comunicação Científica. O artigo reafirma o ideário de uma educação crítica, democrática e libertadora, para além de uma escola sem partido, que intenciona cercear a liberdade de expressão e o direito de cátedra magisterial; novamente o dilema opressor e os mecanismos de opressão que cerceiam jovens de almejar o protagonismo em um mundo em transformação, que nos pede coragem para entendê-lo e enfrentar os seus dilemas, reforçar as experiências vividas, a cultura e a identidade contributivas da busca e fortalecimento de um mundo melhor.

As reflexões voltadas para a migração da juventude e a Educação do/no Campo, de autoria da pedagoga Aly Kelly Alice dos Santos e da professora Doutora Isaura Isabel Conte, da Universidade de Rondônia, apontam fatores que determinam a permanência, ou não, da juventude no campo e os sonhos dos moradores que anseiam por um futuro melhor para os seus filhos/as. A saída do campo tem acontecido devido à falta de estrutura local, assim como a implementação de políticas públicas mais amplas a garantirem uma vida melhor no campo.

Meire Ferreira Cardoso e a professora Doutora Albina Pereira Pinho Silva tratam da avaliação da aprendizagem universitária nas vozes dos licenciandos do Curso de Pedagogia do campus de Juara. As autoras refletem sobre a avaliação da aprendizagem e o seu papel, observando os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores, segundo as vozes dos acadêmicos, tendo como referência o território da docência universitária, para descobrir concepções acerca de como o processo avaliativo está sendo trabalhado com os acadêmicos.



Chamando a atenção para as práticas pedagógicas e reflexões a partir da construção do conhecimento em algumas escolas públicas de Juara e o seu envolvimento com a VI Mostra Científica e Cultural do Vale do Arinos, a professora Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, evidencia reflexões acerca de sua experiência desenvolvida em três escolas públicas de Juara, no momento de intervenção do Estágio Curricular do Curso de Pedagogia da UNINTER, e, que foram apresentadas na VI Mostra Científica e Cultural do Vale do Arinos, organizada pelo LEAL (Laboratório de Estudos e Pesquisas da Diversidade da Amazônia Legal/CNPq/Unemat).

Com foco na discussão sobre os movimentos sociais e a luta pela educação do campo no Estado de Mato Grosso, a professora doutora Eliete Borges Lope lança um olhar sobre os parâmetros educacionais que fomentam e estimulam a competição. Estes se voltam mais para as exigências do mercado do que para o desenvolvimento crítico-reflexivo do mundo, como também para a disputa por projetos e recursos dentro de uma estrutura de Estado e suas políticas para a educação. Tal disputa pode gerar resistência, como também contribuir para um processo de reificação do Estado.

As autoras Andressa Fernanda Almeida Flor e Lori Hack de Jesus trazem um importante texto sobre os Silenciamentos rompidos: as vozes de mulheres negras sobre o processo de transição capilar. Trata-se de uma pesquisa que procura compreender o processo de transição capilar de mulheres negras no Município de Juara-MT, as causas e os resultados. O movimento de mulheres negras vem incentivando umas às outras, para que elas sejam aquilo que elas quiserem ser, sem considerar o padrão de beleza imposto, sem opressão.

A revista traz ainda a pesquisa realizada pelos administradores: Florice Emídio dos Santos e Michel de Andrade. Estes discutem sobre a atuação de vereadores no Município de Juína e a compreensão de sua função pública.

Também os operadores da área do Direito: Lauany Cristina Coelho Caldas Silveira e Ellen Laura Leite Mungo se presentificam neste número da Revista mediante reflexões sobre a incapacidade civil e o estatuto da pessoa com deficiência.

A resenha do livro Educação e Mudança, elaborada pelos doutorands Valda da Costa Nunes e Theobaldo Witter, referenda o valor das obras de Paulo Freire para os educadores, educadoras e para a Educação como via de mudança de dentro para fora. A resenha esclarece o que ensina o autor sobre mudanças e compromisso profissional, reafirma que toda e qualquer mudança só é possível por meio do diálogo. As obras de Paulo Freire inegavelmente



têm significativa contribuição para educadores e educadoras nos espaços educacionais e na sociedade.

Trazemos também na Revista, uma compilação dos textos do **professor Doutor João Monlevade**, publicados no Boletim Pro-Notícias. Esta compilação agrega a preocupação, fruto das eleições de outubro de 2018, que elegeram a extrema direita para governar o Brasil. Assim, trazemos algumas reflexões sobre o tipo de educação que teremos no Brasil.

João Monlevade traz à memória a morte, em trágico acidente de carro na BR-163, nas proximidades de Diamantino, no dia 02 de dezembro, do professor Júlio Cesar Vianna e da técnica Jocilene Barbosa dos Santos, em plena atividade sindical. Júlio foi presidente do SINTEP e exímio defensor da valorização salarial dos trabalhadores da educação, em mobilizações e negociações, quando dava aos governantes (e a todos nós) lições sobre o financiamento das políticas públicas. Jocilene estava iniciando o sexto mês de seu mandato de presidente – cargo para o qual foi eleita por unanimidade pela categoria de trabalhadores em Educação da rede estadual de Mato Grosso. Foi a primeira mulher e a primeira funcionária a presidir a entidade, depois de transformada em sindicato. Aos dois profissionais comprometidos com a educação, a Revista de Comunicação Científica faz homenagem e externa eterna gratidão por terem sido exemplos de militância exemplar e comprometimento para além das pautas da educação. Jocilene conduziu o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, ambos eram engajados nas causas dos Direitos Humanos.